

# ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA PRAÇA 7 DE SETEMBRO E ARREDORES – RIO GRANDE, RS, BRASIL

PEDRO AUGUSTO MENTZ RIBEIRO<sup>\*</sup>  
MARLON BORGES PESTANA<sup>\*\*</sup>

## RESUMO

Este trabalho buscou encontrar vestígios materiais que auxiliem na localização do Forte Jesus, Maria, José, marco da colonização portuguesa no Rio Grande do Sul. Em julho de 2002, janeiro, fevereiro e novembro de 2003, a equipe do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAN realizou quatro cortes experimentais e escavações, resultando na obtenção de relativa quantidade de material e a constatação de quatro camadas estratigráficas, a última representando o século XX, as duas seguintes o XIX e a primeira, o XVIII. Na base de um dos cortes experimentais foi revelada uma estrutura de mais ou menos 1,0m de largura, formada por seixos rolados ou fragmentos de rochas irregulares, com 10cm em média cada um. As escavações, então, direcionaram-se no sentido de verificar sua forma e dimensões. Tratava-se de uma construção ou paliçada quase circular com 8,60 x 8,80m internamente, que protegia, no seu interior, um poço (cacimba?) com 3,00 x 2,60m. Conforme os dados históricos, este foi o primeiro que abasteceu a cidade e os ocupantes do Forte Jesus, Maria, José, nas proximidades. A praça anteriormente denominava-se Praça do Poço. No estacionamento localizado na esquina das ruas Fernando Duprat e República do Líbano e ainda num terreno contíguo na última rua também foram realizadas escavações. A área total escavada é de aproximadamente 300m<sup>2</sup> e a profundidade média de 1,20m. Material recolhido: ósseo (restos de alimentação, botões, escova de dente, etc.); metal (moedas dos séculos XVIII ao XX do Brasil e, ainda, dos Estados Unidos e Holanda, balas de chumbo, chaves, baioneta, grillão, etc.); lítico (pedras utilizadas em estruturas); cerâmica (neobrasileira, colonial, colonial vidrada); louça (faiança portuguesa, faiança fina inglesa, *salt glazed*, biscuit [cachimbos holandeses]); vidro (fragmentos de garrafas, vidros de remédio e perfumaria, vidraças, etc.). O material recolhido ao LEPAN, foi limpo, registrado-catalogado (numerado), restaurado, classificado, analisado e acondicionado em caixas de arquivo. Não alcançamos o objetivo maior, ou seja, a confirmação da localização do Forte Jesus, Maria, José.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia histórica, Forte Jesus, Maria, José, Rio Grande, escavação

---

<sup>\*</sup> Professor Pós-Doutor em Arqueologia – Universidade do Porto, Portugal – *in memoriam*.

<sup>\*\*</sup> Bacharel em História e Especialista em História do Rio Grande do Sul – FURG; Mestre em História – UNISINOS. [marlon.pestana@bol.com.br](mailto:marlon.pestana@bol.com.br)

## ABSTRACT

This work tried to find archaeological evidences which would lead us to the *Jesus, Maria, José* military fort, Portuguese colonization's beginning symbol in Rio Grande do Sul state. In the months of July of 2002, January, February and November of 2003, LEPAN's research team made four experimental excavations resulting in the register of a certain amount of archaeological material and the evidence of four stratigraphical layers representing, the last one, the 20<sup>th</sup> century, the following two layers representing the 19<sup>th</sup> and the first from the 18<sup>th</sup> century. One of the experimental digs' base disclosed a stone structure with, more or less, 1,0m (3.28 feet), formed by rolled pebbles and rock shards, of irregular shapes, with 10cm (3.93 inches, approximately), in average, each one. We've directed the archaeological excavations then in order to verify its form and dimensions. The structure were a palisade almost circular with 8,60 x 8,80m (28.21 ft x 28.87 ft) internally, which protected, inside, a water well with 3,00 x 2,60m (9.84 ft x 8.53 ft). According to historical data, this was the first water well that supplied the city and the occupants of Fort *Jesus, Maria, José*, in the outskirts. The square was before called *Praça do Poço*. We also made archaeological excavations in the corner parking located between *Fernando Duprat* and *República do Líbano* streets and, also, a near terrain at this last street. The total area excavated is around 300m<sup>2</sup> (3229.17 square feet, approx.) and 1,20m (3.93 ft) deep. Collected material: bones (animal remains, buttons, tooth brush); metal (18<sup>th</sup> to 20<sup>th</sup> century coins from Brazil and also from United States and Holland; spherical projectiles, keys, bayonet, fetter); stone (gunflints, rocks used in structures); pottery (*Neobrasileira*, colonial, glassed colonial); china (Portuguese and English faience, salt glazed, biscuit [Dutch pipes]); glass (bottle shards, medicine and perfumery recipients). The material collected to LEPAN was cleaned, registered-catalogued, restored, classified, analyzed and deposited in archive boxes. We haven't achieved the major goal, the confirmation of Fort *Jesus, Maria, José's* location.

**KEY WORDS:** Historical Archaeology, Fort *Jesus, Maria, José*, Rio Grande, excavation

## 1 – INTRODUÇÃO

O projeto “Escavações Arqueológicas na Praça 7 de Setembro e Arredores” procurou recuperar, através da cultura material, evidências que comprovassem a localidade do forte de fundação da cidade do Rio Grande (Figura 1). Em de cortes experimentais, concluiu-se que, por meio de estruturas encontradas, haveria a possibilidade de haver na Praça 7 de Setembro resquícios do forte *Jesus, Maria, José*. Posteriormente, em uma segunda etapa, foi realizada ampla escavação (Figura 2), com o objetivo de descobrir as estruturas, recolher o material cultural, documentar por fotografia, registro e desenho. A colaboração interdepartamental concretizou-se por meio das plantas baixas da Pró-Reitoria de Planejamento e da documentação histórica.

A interdisciplinaridade encontrou-se nos estudos históricos realizados por colegas da área de História (DBH/FURG). E a colaboração interinstitucional, com a Prefeitura Municipal do Rio Grande, por meio do pessoal especializado das Secretarias de Obras e Viação e de Serviços Urbanos, além da Guarda Municipal.

## 2 – HISTÓRICO

### 2.1 – Histórico da Praça 7 de Setembro

A Praça 7 de Setembro pertence a um conjunto de atividades arquiteturais desempenhadas na maioria das cidades do Rio Grande do Sul. Sua finalidade surgiu com a necessidade de construção de espaços públicos dotados de arborização e ambientes recreativos (lazer, esportes, etc.). Durante o final do século XIX, no Rio Grande do Sul, começaram a ser construídos espaços guiados pelo modernismo da *Bélle époque* e marcados pelo imperialismo nascente da Era Vitoriana inglesa. Ao redor do mundo construíram-se praças públicas, muitas vezes com o objetivo de ostentação e representação do *status* da população. O local serviria para passeio da maior parte da burguesia, que se orgulhava em demonstrar seu poder econômico nas roupas, guarda-sóis, bengalas, cartolas e outros objetos da cultura material.

Em Rio Grande não foi diferente. As praças, no século XIX, serviam como locais públicos de ostentação, assim como no resto do Brasil e no mundo. A investigação arqueológica trouxe à tona uma série de materiais culturais pertencentes ao século XIX, tais como cerâmica, louça, vidro, metal, osso e também lixeiras públicas, aterros e estruturas.

Alguns pesquisadores dissertaram sobre a posição do forte Jesus, Maria, José, como o caso de Raphael Copstein em artigo de domingo no jornal *Correio do Povo* (1974), em que o autor sobrepõe antigas plantas urbanas da cidade do Rio Grande e discorda das informações de outros estudiosos<sup>1</sup> que mencionavam a localização exata do forte como sendo a atual Praça 7 de Setembro. Com base na renomeação das ruas e a pequena mudança do tecido urbano, Copstein afirma que “os elementos disponíveis não permitiram afirmar, como reza a tradição, que o forte também ocupava alguma porção da Praça Sete de Setembro” (1974, p. 19).

Contudo, a pesquisa de Copstein possibilitou “não só determinar a área, mas também assinalar, nas propriedades do atual quarteirão, o primeiro espaço ocupado oficialmente pela gente lusitana que guardou o Continente de São Pedro para o Brasil e um porto para o Rio Grande”

---

<sup>1</sup> A saber: Rego Monteiro, Gonçalves Chaves, Alfredo Ferreira Rodrigues e Sergio Junior.

(id., *ibid.*). O quarteirão da Praça 7 de Setembro era considerado então o primeiro espaço de ocupação lusa do Rio Grande do Sul.

## **2.2 – Histórico e técnica da pesquisa**

Para a realização deste projeto foi utilizado o método Mentz Ribeiro (2004), cujos primeiros passos constituem-se no levantamento bibliográfico, de fontes documentais e o reconhecimento do local.

Em julho de 2002 executamos os cortes experimentais, num total de quatro quadrículas (“A”, “B”, “C” e “D”), de 2,0 x 2,0m, escavadas em níveis artificiais de 10cm. Ao término dessa etapa foi possível observar a presença de quatro camadas estratigráficas (0-30cm, 30-60cm, 60-90cm e 90-120cm), representando a primeira o século XVIII, as duas seguintes o XIX e a última, o XX (Figuras 3 e 6).

Na base da quadrícula “D” foi revelada uma estrutura de aproximadamente 1,0m de largura, composta de seixos rolados e fragmentos de rocha irregulares de mais ou menos 10cm de largura cada (Figura 6 e 10).

Entre janeiro e fevereiro de 2003 realizamos a ampliação das escavações, com o intuito de verificar a forma e as dimensões da estrutura encontrada. Tratava-se de uma construção ou paliçada quase circular com 8,60 x 8,80m internamente, que protegia no seu interior uma cacimba, com 3,00 x 2,60m (Figuras 7 e 8).

Nesta etapa foram escavadas um total de 51 quadrículas de 2,0 x 2,0m e uma trincheira de 13,0m de comprimento por 0,50m de largura, totalizando aproximadamente 300m<sup>2</sup> de área escavada (Figura 9). Nesse período também realizamos cortes experimentais no estacionamento localizado próximo à praça, na esquina das ruas Augusto Duprat e República do Líbano.

A última etapa de campo ocorreu em novembro de 2003, quando realizamos mais quatro cortes no estacionamento localizado na esquina das ruas Fernando Duprat com República do Líbano e oito cortes no pátio da propriedade do Sr. Edes Cunha, no número 186 dessa última rua (Figura 12). No estacionamento foram efetuadas quatro sondagens, uma no setor noroeste, com 3,0 x 1,5cm e outra no setor sudeste, com 2,0 x 2,0m. No primeiro corte, denominado Estacionamento I, foi registrado um alicerce com tijolos típicos do século XIX (Figura 13), com 36cm de largura e 58cm de altura, que continuava no corte Estacionamento II e representava uma residência do século XIX. As outras duas, denominadas Estacionamento III e IV, acompanhavam a linha do telhado das garagens do estacionamento e registraram depósitos de lixo anteriores ao piso de uma escola que esteve ativa no século XX (Figura 11).

Durante todas as etapas de campo utilizamos os mesmos procedimentos: a terra retirada das quadrículas foi peneirada em malha de 5mm (Figura 4). O material recolhido foi acondicionado em sacos de pano, separadamente conforme a matéria-prima, acompanhado de etiqueta de identificação. Os fragmentos menores e mais delicados foram acondicionados em tubos de filme fotográfico, também acompanhados de identificação. Toda a seqüência de trabalhos foi fotografada em diapositivo colorido e em negativo preto e branco e filmada em VT. Também foram feitos desenhos dos perfis estratigráficos e planos de topo.

Do material encontrado destacamos fragmentos de faiança portuguesa, faiança fina, fragmentos de cachimbos em *biscuit*, um grillhão de metal, baioneta, moedas e balas de chumbo (Figuras 14 a 32; Tabela única).

Em laboratório o material foi todo processado mediante a metodologia: registro, limpeza, numeração, classificação, restauração, análise e acondicionamento. As peças mais características de cada matéria-prima foram fotografadas em foto digital. Os trabalhos de gabinete consistiram nos relatórios, estudos comparativos, arte final e a redação de artigo científico para publicação. Os métodos empregados neste estudo são os internacionalmente aceitos e descritos por Laming-Emperaire (1967), Heizer e Graham (1968), Meggers e Evans (1970) e Mentz Ribeiro (2004). O material foi recolhido e estudado no Laboratório de Ensino e Pesquisas em Antropologia e Arqueologia – LEPAN, que dispõe de toda a infra-estrutura para isso. Após, ficou à disposição para estudos e para exposição em museu.

### **3 – DESCRIÇÃO DO MATERIAL**

#### **3.1 – Cerâmica**

##### **3.1.1. Cerâmica colonial**

3.1.1.1. Neobrasileira: os fragmentos representam vasilhas com duas asas, contorno simples e suave inflexão na borda. O lábio e base são arredondados. A espessura da parede varia de 0,8 a 1,3cm, predominando 1,0cm, em raras ocasiões ocorrem reforços na base e junto à borda. A técnica de confecção é o torneado. O tratamento de superfície é o alisado, em 52,4% dos fragmentos aparecem estrias e falhas no polimento; a cor da superfície varia entre o marrom acinzentado e o preto azulado. A queima é completa em atmosfera redutora, a cocção não é controlada e a cor do núcleo é o preto azulado. Os maiores e menores fragmentos possuem 15 e 3,0cm<sup>2</sup>, respectivamente. As asas apresentam em média 6,0cm de largura na

base, 3,5cm de altura e 1,3cm de espessura. Junto à base e ao bojo, na face externa, encontrou-se invariavelmente grande quantidade de fuligem concentrada.

3.1.1.2. Simples: fragmentos de vasilhas confeccionadas pela técnica do torneado. O tratamento de superfície é de boa qualidade, denotando polimento com instrumento; a cor é o pardo-pálido. As espessuras das paredes oscilam entre 0,5 a 1,1cm, predominando 0,9cm. As bordas possuem reforço externo. A base é plana. Os fragmentos têm asas, alças e apêndices para preensão, à distância de 3,0 a 5,5cm da borda. Nas porções inferiores das vasilhas aparecem manchas de fumaça na coloração preto-lilacínea e pardacento-clara (Figura 14 a, b).

3.1.1.3. Pintada: fragmentos de vasilhas confeccionadas pela técnica do acordelado, com fina camada de engobe vermelho na face externa e, nas paredes de menor espessura, engobe na interna. O lábio é arredondado. O tratamento de superfície é o pintado externamente. Há falhas no amassamento da pasta, contudo aparentam boa qualidade no alisamento. A espessura das paredes varia entre 0,7 e 1,1cm, predominando 0,85cm. A superfície externa é vermelha e a face interna é parda.

3.1.1.4. Vidrada interna: fragmentos de vasilhas com formas arredondadas, base plana e lábio arredondado, tais como panelas, pratos, potes e tampas, com reforço externo na borda introvertida e contorno direto. Foram observados asas e apêndices para preensão. A técnica de confecção é o torneado. O tratamento de superfície é o vidrado interno, com tonalidades que variaram do amarelo-palha ao verde-oliva, e o alisado por polimento na superfície externa com tonalidade pardacenta alaranjada. Na face externa aparecem falhas da aplicação do vidrado, isto é, pingos e escorrimentos da substância vítrea (Figura 15 b).

3.1.1.5. Vidrada externa: fragmentos pertencentes, na maioria dos casos, a vasilhas grandes, provavelmente talhas para água. A técnica de confecção é o torneado. O tratamento é o vidrado na face externa e secagem natural na face interna. A espessura das paredes varia de 1,1 a 2,1cm, predominando 1,4cm. A borda reforçada externamente é introvertida, terminando em lábio arredondado. A base é plana nos fragmentos analisados. A cor do vidrado na superfície externa é o amarelo-palha e o verde-claro, com pequenas manchas esverdeadas, enquanto na interna, sem o vidrado, é o pardacento pálido (Figura 15 a).

3.1.1.6. Vidrada interna e externa: as características são as mesmas que as vidradas em apenas uma face. Modifica apenas a qualidade da queima e a impermeabilidade das peças. O acabamento da superfície é de melhor qualidade, sem fuligem face externa, talvez devido ao

vidrado. Aparecem nas camadas superiores da estratigrafia do sítio, portanto são relativamente mais recentes que as vidradas internas.

3.1.1.7. Telha: foram registrados fragmentos dos tipos capa-canal ou meia-cana e plana com ondulações do tipo francês. As peças em capa-canal apresentam espessura entre 1,2 e 1,6cm, predominando 1,4cm; as do tipo francês, mais finas, têm espessura na média de 1,1cm. A tonalidade dos fragmentos do tipo capa-canal é o pardacento-avermelhado, enquanto as do tipo francês são ocre-alaranjadas. A queima da telha tipo capa-canal é incompleta, havendo um núcleo acinzentado entre paredes avermelhadas com extensão de queima de aproximadamente 1,0cm; nas telhas tipo francês o núcleo é mais claro, indicando queima completa em atmosfera redutora.

3.1.1.8. Tijolo: fragmentos de tijolos maciços confeccionados em forma, portanto moldados. Em alguns fragmentos foi possível identificar as estrias digitais dos oleiros na superfície. As peças têm entre 5,1 e 7,0cm de espessura, 15,0cm de largura e aproximadamente 28,0 e 30,0cm de comprimento. A cor da superfície é o vermelho escuro, o núcleo apresenta tonalidades enegrecidas, indicando cocção incompleta em atmosfera oxidante.

3.1.1.9. Cachimbo: fragmentos e peças fragmentadas de forninho, boquilha e angular de porta-boquilha. As técnicas de confecção observadas são o modelado e o molde duplo. Os fragmentos têm espessura entre 0,3cm e 0,5cm. As dimensões das peças fragmentadas oscilam de 1,5 a 2,2cm de abertura da boca do forninho, em média 3,2cm de altura e de 3,6 a 4,2cm de comprimento até a porta-boquilha. A queima é completa. As peças fragmentadas apresentam fuligem na face interna do forninho e sinais de raspagem.

3.1.1.10. Inclassificável: as peças não puderam ser identificadas, devido ao tamanho reduzido dos fragmentos.

## **3.2 – Louça branca**

3.2.1. Faiança portuguesa: fragmentos de pratos, tigelas e vasilhas, provavelmente para o uso doméstico (Figura 17), bola-de-gude (Figura 17 e). Encontram-se dimensões inferiores a 5,0cm<sup>2</sup> e espessuras em média de 0,6cm. Possuem fina camada de louça branca sobre pasta argilosa amarelada. As decorações são diversas, entre as quais os motivos ondulares marrons intercalados com pontos azuis são os mais comuns. Aparecem também linhas sinuosas azuis, tipo arabesco ou mourisco, e linhas paralelas na orla. A porcentagem mais significativa de fragmentos foi obtida nas camadas inferiores da estratigrafia.

3.2.2. Caulim: pastas sem vidrado ou aplicação de esmalte e louça. Os fragmentos representam estatuetas de animais e pessoas,

provavelmente bibelôs ou imagens religiosas, parte de boquilhas e fornilhos de cachimbos e, ainda, bolas-de-gude (Figura 21 b). Na maioria dos fragmentos foi possível identificar apenas a matéria-prima. As peças têm entre 1,3 e 5,6cm<sup>2</sup>; algumas são de maiores dimensões. No fornilho dos cachimbos foram observadas decorações em formas geométricas e de animais (águia?).

3.2.3. *Cream ware*: o esmalte com infiltração de minerais metálicos, provavelmente originários do estanho, produziu uma tonalidade creme-amarelado aos fragmentos que representavam, em 78,3% dos casos, pratos. A espessura dos fragmentos é de 0,4cm.

3.2.4. *Pearl ware*: fragmentos de pratos, pires, canecas, xícaras e tigelas, com tonalidade azulada, devido ao acréscimo e infiltração de minerais metálicos, particularmente o chumbo. Observaram-se pequenos pontos e acumulações azuladas esparsas e distribuídas no esmalte, principalmente nas dobraduras. As dimensões variam entre 3,0 e 6,0cm<sup>2</sup>, e ocasionalmente peças maiores; a espessura das peças é de 0,3 a 0,6cm, isto é, mais espessas junto à base anular e menos na orla e borda. Nas peças fragmentadas foram medidas as alturas que resultaram entre 1,6 e 4,0cm.

3.2.5. *White ware*: as peças possuem esmalte cristalino, uniforme e branco; representam pratos, terrinas, sopeiras, pires, tigelas, xícaras, canecas e formas associadas a acompanhamentos de mesa, como manteigueira, saleiro, açucareiro, etc. As dimensões oscilam entre 1,5 e 7,3cm, predominando 4,2cm; espessuras aproximadas de 0,4cm.

3.2.6. Padrão trigal: os fragmentos apresentavam formas em relevo de ramos de trigos freqüentemente junto à orla das peças que representam pratos, terrinas e travessas. As características são as mesmas dos fragmentos de *white ware*, exceto pelas dimensões que apresentam maiores espessuras entre 0,4 e 0,6cm.

3.2.7. Padrão floral: flores, freqüentemente rosas, brancas, em relevo, alinham-se na orla ou, em alguns casos, em margens opostas. As dimensões são as mesmas do padrão trigal. As peças fragmentadas que puderam ser identificadas são de pratos com alturas entre 2,5 e 3,8cm.

3.2.8. Conta-de-colar: as peças brancas e azuis inteiras são discóides, lenticulares e esféricas com uma perfuração central. O diâmetro varia entre 0,3 e 0,6cm; espessura de 0,25cm. As perfurações em média possuem 0,1cm de diâmetro.

3.2.9. Botão: apareceram inteiros e fragmentados, nas cores branca e azul, nas formas discóides. Ocorreram diâmetros entre 0,5 e 0,9cm, com espessura de 0,25cm e, em média, de duas a quatro perfurações com 0,1cm de diâmetro, em baixo relevo na parte central da peça.



### 3.3 – Louça colorida

3.3.1. *Peasant style*: fragmentos de pratos, pires, xícaras, sopeiras, canecas, urinóis, escarradeiras e outras formas de uso desconhecido. A espessura dos fragmentos aproxima-se dos 0,4cm. Os motivos florais, desenhados a mão livre, são representados com mais freqüência na face interna das peças na orla e medalhão dos pratos; ocasionalmente, junto à borda encontra-se uma ou duas faixas finas de variadas cores. O esmalte é transparente, permitindo a visualização dos motivos florais ora em cores terrosas, desbotadas, ora em tonalidades vivas, reluzentes. Em inúmeros fragmentos foi possível identificar os traços dos pincéis do pintor, que variam conforme a tinta e a posição do desenho da peça. Os motivos ocupam espaços inferiores a 50,0% da superfície da peça. Apareceram técnicas associadas de decoração entre a *peasant style* e a carimbada (Figura 18 b, d; Figura 19 b; Figura 20).

3.3.2. *Transfer-printed*: fragmentos com impressões por transferência nas cores azul, preta, marrom, rosa, vermelho e vinho. As peças representam pratos, pires, travessas, xícaras, canecas, sopeiras, terrinas, jarras e peças de centro de mesa. A dimensão dos fragmentos varia entre 3,0cm e 8,5cm<sup>2</sup>, predominando 4,0cm<sup>2</sup>; esporadicamente ocorrem peças de menor e maior tamanho. A espessura é, em média, de 0,4cm nos pratos e até 0,65cm nas terrinas, travessas e peças centrais de mesa. Os motivos representam cenas exóticas e bucólicas da paisagem inglesa ou oriental, particularmente chinesas e indianas. Quando representam castelos, junto da orla ocorrem cartuchos de imagens isoladas, ora imagem de flores ora de outros castelos. O padrão mais freqüente é o *willow pattern*, seguido do *brosley*. Ocupam em média acima de 85,0% da superfície visível da peça. As alturas aproximadas dos pratos, malgas e jarras é de 3,0, 8,0 e 21,0cm respectivamente (Figura 18 a, e; Figura 19 c, d).

3.3.3. *Shell edged*: fragmentos de pratos, travessas, terrinas e raramente sopeiras. As estrias junto à borda podem vir acompanhadas, nesta ordem de freqüência, das cores azul, verde, vermelho ou sem nenhuma coloração. A faixa estriada ocupa 1,0cm da orça a partir do lábio, ocasionalmente acompanha o diâmetro externo da peça, no caso das sopeiras, no restante segue na face interna. Foram observadas pinturas diferentes daquelas mais ocorrentes, isto é, uma faixa uniforme de azul sobre as estrias sem acompanhá-las. A espessura das peças varia entre 0,3 e 0,5cm, predominando 0,38cm.

3.3.4. *Spatter*: fragmentos de malgas, canecas e xícaras. A coloração é, freqüentemente, uniforme e policrômica, mesclando azul, verde e vermelho. A técnica aplicada é a mesma que a *sponged*; diferencia-se apenas na disposição das cores. As peças apresentam dimensões em

torno dos 4,5cm<sup>2</sup> e espessura de 0,3 a 0,45cm. Na maioria dos casos a decoração foi aplicada na superfície externa das peças.

3.3.5. *Sponged*: fragmentos de pratos, pires e malgas. A coloração azul monocromática foi aplicada com esponja, principalmente junto à orla e nas porções externas dos fragmentos. As peças apresentam relevo que, no ápice, receberam a aplicação da pintura. As dimensões aproximam-se dos 3,0 e 4,5cm<sup>2</sup>, ocorrendo peças maiores; espessura predominante de 0,36cm.

3.3.6. *Banded*: fragmentos de pratos, canecas e malgas. As bandas com mais de 1,0cm de largura, aplicadas junto à orla das peças, são diametralmente acompanhadas por linhas finas na mesma tonalidade ou nas cores preto, verde e vermelho. As dimensões predominantes variam de 3,4 a 8,6cm<sup>2</sup>, ocorrendo maiores e menores peças ocasionalmente. A espessura é de 0,32cm. As bandas ocupam zonas particulares da peça e, em alguns casos, estendem-se pelo fragmento inteiro.

3.3.7. *Dipped*: as características são as mesmas da *banded*, diferenciando-se pelo relevo que acompanha as faixas, indicando um diferente processo de aplicação decorativa, ou seja, a banhada, pela qualidade da aplicação do esmalte, que freqüentemente é branco ou azulado. Tem-se a impressão de cores mais consolidadas e uniformes.

3.3.8. *Victorian edged*: fragmentos de pratos rasos e pires. Junto à orla dos fragmentos ocorrem pontos associados com flores-de-lis, ambos em relevo. As tonalidades mais freqüentes são o vinho e o rosa, ocorrendo também nas cores marrom e preto. Dimensões em torno dos 3,6cm<sup>2</sup>, com espessura de 0,28m junto à borda.

3.3.9. *Azul borão*: fragmentos de pratos, pires, xícaras, travessas, terrinas, sopeiras, jarras e peças de centro de mesa. A aplicação de sulfatos fez com que o azul cobalto se dissolvesse enquanto úmido, infiltrando-se no esmalte. Os três motivos são o floral, cenas românticas e bucólicas e cenas orientais, em especial as chinesas, nessa ordem de predomínio. Nas xícaras as impressões foram aplicadas em lados opostos. Em alguns casos as impressões foram aplicadas na orla com motivos diferentes das que aparecem no medalhão. Os fragmentos são relativamente grandes, com dimensões que variam de 5,8 a 16,9cm<sup>2</sup> e espessura de 0,35cm (Figura 19 a).

3.3.10. Faixas e frisos: fragmentos de canecas, xícaras, urinóis e malgas. Possuem junto à borda e no corpo das peças uma faixa, aparentemente aplicada a mão com pincel, nas cores azul, verde, vermelho, rosa, vinho e marrom. As maiores faixas têm acima de 1,0cm de largura e as finas, por volta de 0,3cm, afastadas entre si por distâncias entre 0,1 e 2,0cm. Algumas peças possuem faixas distribuídas por toda a superfície externa; outras, apenas na borda.

3.3.11. *Cat's eye*: os fragmentos, em menor número, são de pratos e canecas. A decoração, aplicada em ambas as faces, aparenta-se com tintas mescladas escorridas, uniformes e em espiral, estendendo-se por toda a superfície, exceto na base. Dimensões entre 4,1 e 7,0cm<sup>2</sup>, espessura de 0,3cm.

3.3.12. Carimbada: fragmentos de pratos, canecas, xícaras, malgas, urinóis e escarradeiras. As formas são variadas, ocorrendo círculos, flores, cruzes estilizadas, correntes e ramos. Aplicadas com objeto portador de tinta, em porções isoladas das peças ou associadas com as técnicas *banded* e *peasant style*, normalmente as impressões dos carimbos são encerradas entre faixas ou encerram, em duas tiras diametralmente opostas, os motivos da *peasant style*. Os fragmentos têm aproximadamente 5,6cm<sup>2</sup> e espessura em torno de 0,4cm.

3.3.13. Mocha: fragmentos de xícaras, pires e canecas, eventualmente pratos e malgas. A decoração é uma mescla de tonalidades marrons e amareladas, misturadas heterogeneamente pelo uso de sulfatos. Ocupam toda a superfície interna e externa das peças. As dimensões variam entre 1,6 e 4,7cm<sup>2</sup>, com espessuras inferiores a 0,4cm.

3.3.14. *Yellow ware*: as peças, em menores porcentagens, são fragmentos de canecas. A aplicação é uniforme e monocromática amarela, ocorrendo faixas pretas junto ao lábio e na base, encerrando a decoração, na maioria dos casos, da face externa. As dimensões são de 3,0 a 6,7cm<sup>2</sup>, predominando 4,5cm, com espessura de 0,35cm.

3.3.15. Inclassificável: fragmentos de tamanho reduzido, inferiores a 1,0cm<sup>2</sup> e com desgaste no esmalte, que não puderam se identificados.

**3.4 – *Ironstone***: um número significativo de fragmentos da categoria intermediária entre faiança fina e porcelana, pertencentes a pratos, tinteiros e outros utensílios não-identificados, apareceram nas camadas medianas do sítio. As pastas das peças fragmentadas são brancas, observando-se um limite da aplicação do esmalte transparente. As peças decoradas, abaixo do nível do esmalte, receberam motivos monocromáticos florais em azul cobalto para suportar as altas temperaturas. As decorações policromáticas foram pintadas externamente ao esmalte, descascando em 48,2% dos casos. A dureza é aparentemente maior que a da faiança fina, resultado da cocção em fornos com temperaturas mais altas. As dimensões relativas são maiores que as da faiança fina; a fratura é regular. Os fragmentos medem de 3,9 a 16,7cm<sup>2</sup>, ocorrendo peças inteiras e fragmentadas de maiores proporções; a espessura é de 0,2 a 0,5cm, oscilando na base e na orla.

**3.5 – Porcelana:** são fragmentos de pratos, vasos, xícaras, pires e peça de jogo (Figura 21 a, c). Apresentam, em geral, boa qualidade de queima e acabamento de superfície. A pintura, com exceção daquelas de Macau, apresenta boa distribuição na superfície, nas outras raras falhas foram observadas. Os fragmentos em geral são finos, entre 0,1 e 0,3cm, e freqüentemente pequenos, com no máximo 3,5cm<sup>2</sup>. Os motivos policrômicos são os de origem oriental, romântica e vitoriana, paisagens e casais cortesãos. Foram registradas alças ornamentadas e bordas onduladas.

**3.6 – Azulejo (faiança):** inteiros e fragmentados, com decorações florais, em azul sobre branco, pasta amarelada, descritos em pesquisas anteriores<sup>2</sup>. Possuem 15,0 x 15,0cm e espessura de 0,6cm. Foram registradas peças com 8,0 x 8,0cm, tendo como motivo formas geométricas nas cores azul, amarelo e verde, e unidas formam mosaicos com aspectos mouriscos.

**3.7 – Black basalt ware:** categoria relativamente escassa no sítio, faz parte daquelas entendidas como “pó de pedra”, confeccionadas pela técnica do torneado; apresentam sulcos e estrias que indicam a robustez da pasta escura queimada em altas temperaturas. Pertenceram a tinteiros (garrafas e potes de escrivanhina) e recipiente para bebida; algumas peças apresentam esmalte externo nas cores amarelo palha do gargalo até o ombro e, cobrindo o corpo, branco. O gargalo é bem-acabado e não foram registradas alças ou asas. Os fragmentos têm espessura de 0,6cm, aumentando na base.

**3.8 – Inclassificável:** fragmentos que não apresentam características de nenhuma das categorias anteriores ou fragmentados em pequenas porções.

**3.9 – Salt-glazed:** categoria abundante no sítio, em fragmentos de garrafas, tinteiros pequenos e grandes e frascos. Foi registrada, na camada III, uma deposição primária “bolsão” (lixreira?) circular contendo somente fragmentos e garrafas fragmentadas. Apresentavam marcas de produção, na porção superior das garrafas (ombro) incisadas no interior de cartuchos circulares aplicadas provavelmente por carimbo, contendo as letras “I”, “W” e “K”. Foram registradas pequenas alças, uma por garrafa e ausente nos tinteiros. Os recipientes puderam ser reconstituídos e resultaram em dimensões de garrafas com 27,0cm de altura por 10,0cm

---

<sup>2</sup> MENTZ RIBEIRO; PESTANA; PENHA, 2004 (Sobrado dos Azulejos).

de largura aproximadamente; os tinteiros com alturas que variam entre 6,0 a 12,0cm de altura e 6,0cm de largura; a espessura de ambas é de 0,6cm. As cores oscilam na face interna de cinza ao amarelo-claro e externamente de pardacento avermelhado para a cor telha. Nos tinteiros as tonalidades são mais escuras na face externa, variando do marrom ao ocre-pardacento (Figura 15 c).

**3.10 – Inclassificável:** foram associados na categoria de *salt glazed* aqueles fragmentos com dimensões reduzidas que compartilhavam as categorias gerais da pasta e superfície, mas que não puderam ser identificados quanto à função.

**3.11 – Metal:** fragmentos em aço temperado, aço maleável, estanho, bronze, níquel e cobre, além das linhas metálicas entre as substâncias. Observa-se oxidação adiantada, em maior ou menor grau, em todas as peças (Figuras 22 a 28, exceto a 25).

3.11.1. Cravos: fragmentados e fragmentos de peças com corpo quadrado e cabeça sextavada ou quadrada. As dimensões (comprimento x largura) indicavam a existência de peças pequenas com 5,0 x 0,6cm, médias com 10,0 x 0,8cm e grandes com 15,0 x 1,0cm (Figura 23 f).

3.11.2. Pregos: inteiros, fragmentados e fragmentos com corpo cilíndrico e cabeça circular. Os comprimentos variam de 2,0 a 8,0cm e espessuras de 0,2 a 0,35cm, respectivamente.

3.11.3. Painéis: fragmentos de recipientes globulares com apêndices para preensão da alça. A reconstituição indica recipientes com 16,0cm de profundidade e 22,0cm de largura, aproximadamente, ocorrendo maiores e menores; espessura com oxidação de 0,5cm. Na borda ocorre uma dobradura e não foram observados pés na base arredondada.

3.11.4. Fivelas: fragmentadas ou com ausência de peça (presilha). As dimensões variam de 2,5 a 5,5cm de comprimento, 2,0 a 3,5cm de largura, espessuras de 0,5cm com oxidação. Devido à corrosão, não foi possível observar marcas, linhas ou enfeites e adereços junto às peças (Figura 28 c).

3.11.5. Ferramentas: peças inteiras e fragmentadas – limas (Figura 22 d), chaves de fenda (Figura 22 e), talhadeiras (Figura 22 a, c), grosas (Figura 22 b) e brocas. As limas têm corpo plano-convexo, 12,0 a 16,0cm de comprimento e 0,7cm de espessura. As chaves de fenda têm corpo circular, de 10,0 a 13,0cm de comprimento e 0,5cm de espessura aproximadamente. As talhadeiras apresentam diferentes tamanhos de lâminas, com 1,0; 2,0; 2,5 e 4,0cm, comprimentos de 7,0 a 13,5cm e

espessura na extremidade proximal de 0,7cm e distal de 0,2cm. As grosas possuem corpo triangular com espessuras de 0,4 a 0,6cm e comprimentos de 10,0 a 15,0cm. As brocas têm corpo espiralado e espessuras de 0,35 a 1,1cm.

3.11.6. Facas: com corpo metálico e cabo de osso, fragmentadas e inteiras, retráteis (canivetes) e lâminas fixas. Os comprimentos variam de 9,0 a 20cm, larguras 2,0 a 4,5cm e espessura média de 0,15cm.

3.11.7. Ferraduras: peças inteiras e fragmentadas, desgastadas nas extremidades, em dois tamanhos distintos (comprimento x largura x espessura): maiores com 10,0 x 14,0 x 0,8cm e menores com 8,0 x 10,0 x 0,5cm. Algumas peças têm os cravos agregados nos furos de prensão, na quantidade de 4 a 6 (Figura 23 a).

3.11.8. Maçanetas: fragmentos em “cotovelo” e inteiras em “bojo”. As dimensões variam entre os tipos: foram obtidas somente as espessuras, de 1,1 a 1,6cm nas do tipo “cotovelo”, e 4,0 a 6,0cm nas do tipo “bojo”.

3.11.9. Concreções: aglomerados ferruginosos formados por agregação oxidante de elementos ferrosos no solo. Os nódulos ferruginosos têm aproximadamente de 1,0 a 3,5cm de largura.

3.11.10. Tampas de garrafa: as chapas metálicas com estrias periféricas ocorreram inteiras, perfuradas no centro e amassadas. Apresentam, em média, de 2,0 a 2,5cm de diâmetro.

3.11.11. Minério de ferro: de origem provavelmente natural, em peças esféricas inteiras ou fragmentos em cores acinzentadas. Diâmetros entre 0,7 e 1,2cm, predominando 1,0cm.

3.11.12. Parafusos: inteiros, com comprimentos entre 4,2 a 7,1cm, corpo e cabeça circulares, com fenda na cabeça e estrias espiraladas no corpo.

3.11.13. Baioneta: inteira com 28,0cm de comprimento, espessura na extremidade distal da lâmina de 1,5cm e proximal de 4,0cm; porção do engate com aproximadamente 3,0cm com reforço na extremidade proximal juntamente com furo para fixação. A lâmina é côncava e forma uma curva sinuosa na junção com o engate. O engate provavelmente representa um calibre de retrocarga (Figura 26).

3.11.14. Grilhão: inteiro, caracterizado historicamente como mania para os pés, com eixo central de 80,0cm e 2,3cm de espessura, com travas nas extremidades, sendo uma fixa e outra removível. Duas parábolas de metal, articuláveis e presas no eixo, que provavelmente serviam para fixar as canelas, possuem 10,0cm de largura, 12,0cm de comprimento e 1,0cm de espessura, aproximadamente (Figura 27).

3.11.15. Botão: em latão com até 2,3cm de diâmetro; alguns trazem figuras estampas tais como uma ancora e vogais sobrepostas (Figura 28 a, b).

3.11.16. Uso desconhecido: peças e fragmentos com avançado processo de oxidação não puderam ser identificados quanto ao uso.

3.11.17. Inclassificável: fragmentos diminutos, com oxidação avançada não puderam ser identificados.

### **3.12 – Lítico**

#### **3.12.1. Granito**

3.12.1.1. Brita: nódulos, resultado da ação da britadeira, predominando entre 3,4 e 6,8cm<sup>2</sup>.

3.12.1.2. Lasca: com aproximadamente 4,2 a 6,1cm de comprimento e 1,0 a 2,1cm de espessura.

#### **3.12.2. Arenito**

3.12.2.1. Placa: fragmentadas e inteiras, delimitavam os canteiros dos jardins da praça. Com aproximadamente 23,8cm de comprimento, 16,0cm de largura e 3,8cm de espessura.

3.12.2.2. Lasca: sem forma definida, retirada de blocos. Com 8,0 a 13,4cm de comprimento, 4,5cm de largura e 2,4cm de espessura.

#### **3.12.3. Ardósia**

3.12.3.1. Lousa: fragmentadas com incisões paralelas e quadradas nas respectivas faces. Cor preta. Oscilam entre 3,4 e 5,8cm de comprimento, 2,3 e 4,6cm de largura, espessuras na média de 0,2cm (Figura 30 a – e).

3.12.3.2. Ponteira: ponta e corpo fragmentados com 1,3 e 3,8cm de comprimento, diâmetro do corpo ao redor de 3,8cm (Figura 30 f – h).

#### **3.12.4. Sílex**

3.12.4.1. Pedra de pederneira: unguiformes, quadradas e trapezoidais com coloração escura e preta. Lascadas na periferia e com sinais de serra nas plataformas superficiais (Figura 29 c, d). Na média de 1,5 a 2,3cm<sup>2</sup> e espessura de 0,65cm. Identificamos blocos iniciais usados na produção da pedra de pederneira (Figura 29 a, b).

### **3.13 – Outras matérias-primas**

3.13.1. Calcedônia (seixo): inteiros com dimensões entre 1,5 e 3,4cm<sup>3</sup>.

3.13.2. Mármore: placas na cor branca entre 6,0 e 9,5cm de comprimento e 1,6cm de espessura.

3.13.3. Xisto: placas acinzentadas com 4,6 e 7,9cm<sup>2</sup> e 1,5cm de espessura.

3.13.4. Mica: placas acinzentadas e pontos brilhosos entre 3,4 e 10,6cm<sup>2</sup>, espessuras de 2,1 a 4,6cm.

3.13.5. Bauxita: nódulos acinzentados opacos com aproximadamente 3,8cm<sup>3</sup>.

3.13.6. Pedra talco: fragmentadas, provavelmente polidas, superfícies esbranquiçadas. Com aproximadamente 6,8cm<sup>3</sup>.

3.13.7. Inclassificável: fragmentos que não puderam ser identificados conforme as matérias-primas.

### **3.14 – Vidro**

#### **3.14.1. Garrafa**

3.14.1.1. Circular: com base convexa apresentando gota e sinais da coroa do pontel, indicando técnica de confecção por sopro. Existem estrias de reaquecimento no gargalo, lábio e parte do ombro. Ocorreram dois tipos de lábio – um com apenas um anel, resultado da aplicação de fina faixa de pasta vítrea incandescente, e outro com dois anéis, aparentemente aplicado separadamente com uso de ferramenta. As cores mais freqüentes são o verde-musgo, verde-claro e âmbar, ocorrendo aquelas sem pigmento e, como as outras, translúcidas. As peças inteiras apresentam de 26,0 a 28,0cm de altura, 8,0 a 11,0cm de espessura na base e paredes variando entre 0,15 e 0,3, alcançando 1,0cm junto à base. Os gargalos possuem em média de 10,0 a 13,0cm, 1,5cm de diâmetro interno da boca e 2,0cm de diâmetro externo (Figura 31 b, c).

3.14.1.2. Quadricular: com base convexa e corpo trapezoidal, gargalo circular. Existem sinais da coroa do pontel, estrias e bolhas de ar nas paredes das peças, indicando a técnica do sopro. Os gargalos foram confeccionados com fina tira de pasta vítrea incandescente. A cor predominante é o verde claro, ocorrendo o verde escuro e o preto, todos translúcidos. Na base as larguras oscilam entre 7,0 e 9,0cm, no ombro a maior largura é aproximadamente 10,0cm. Os gargalos apresentam de 3,0 a 4,0cm de largura; a média da abertura da boca é de 2,5cm (Figura 31 a).

3.14.1.3. Sextavada: os recipientes confeccionados pela técnica do molde duplo têm estrias laterais do corpo ao gargalo. As peças são predominantemente incolores. Possuem seis faces planas no corpo, inexistentes no gargalo. As larguras das peças fragmentadas são de 4,5 a 6,4cm; altura de 19,5cm e espessura ao redor de 0,3cm.

3.14.1.4. Frasco de perfume: os recipientes fragmentados apresentam estrias de molde nas laterais, indicando o uso do molde. Algumas peças são sextavadas, outras de decoração complexa e ainda algumas com relevos florais. As peças são, na maioria dos casos, incolores. As dimensões variam de 3,0 a 6,8cm na base dos frascos e, no gargalo, de 1,0 a 1,8cm de largura. As alturas ocorrem entre 5,2cm e 8,1cm.

3.14.1.5. Frasco de remédio: garrafas estreitas e alongadas, ora circulares, ora quadrangulares, nas cores azul-cobalto, marrom e verde. Algumas têm bolhas internas; outras têm estrias laterais, indicando o uso do molde. O lábio possui reforço vítreo externo e as bases são



levemente convexas. A altura dos frascos ocorre entre 11,4 e 17,5cm; a largura na base é de aproximadamente 2,5cm, e no gargalo, de 1,3cm (Figura 32 a – c).

3.14.1.6. Tinteiro: provavelmente porta-nanquim para escrivaninha. Estrias laterais e na base indicam uso do molde triplo. As peças são incolores. As bases variam entre 5,0 e 7,5cm e são desproporcionais ao gargalo dos frascos com até 1,5cm de largura. A altura mais ocorrente foi de 5,6cm e espessura entre 0,2 e 0,4cm.

3.14.1.7. Toucador: recipientes que não foram enquadrados como frascos de perfume, por possuírem larga abertura de boca. Existem decorações geométricas em relevo, bem como as florais e, na maioria dos casos, são incolores. As bases possuem entre 4,6 e 6,2cm de largura; gargalo com 3,6 a 4,1, acompanhando o lábio com reforço vítreo externo.

3.14.1.8. Luminária: fragmentos que pertenceram a protetores de lampião, candeeiro, lustres e peças elétricas. Aqueles de lustres apresentam cores como o âmbar e o verde, freqüentemente decorado com estrias e relevos pontuados. Os fragmentos que pertenceram a lampião, candeeiro e luz elétrica são incolores. A espessura oscila de 0,08cm (luz elétrica) até 0,2cm.

### 3.14.2. Diversos

3.14.2.1. Taça: com plataforma na base, pé e corpo alongado. Ocorrem fragmentos nas cores verde, azul e amarelo, além das predominantes, sem pigmento. Bases entre 2,8 e 3,4cm de diâmetro, larguras no pé de aproximadamente 0,6cm e no corpo 3,5 a 4,5cm. A altura das peças não foi obtida devido à fragmentação, mas foi observado o alongamento das mesmas, indicando alturas maiores que a dos cálices.

3.14.2.2. Cálice: com plataforma nas bases, pés e corpos largos. Apresentam relevos plano-convexos nas formas geométricas de listras, quadrados e círculos. São incolores, mas há peças com coloração verde e azul junto à borda. As larguras predominantes da base, pé e corpo são de 5,6 a 5,9; 0,9 a 1,1 e 6,0 a 7,8cm, respectivamente.

3.14.2.3. Caneca: com alça e sem pé. As peças fragmentadas são incolores e têm decoração em relevo na forma de bandas horizontais, listras e figuras oblongas. O diâmetro do corpo na base é de 7,2cm, com espessura de 0,3cm e, na alça, de 1,0cm.

3.14.2.4. Ampola: ocorrem com espessuras de 0,05cm e 0,2cm. As primeiras são do tipo com extremidade quebrável para extração do líquido, com altura de até 3,0cm no corpo; as segundas, com abertura maior que era lacrada com tampa de látex cinza, com altura de 3,5 a 4,8cm.

3.14.2.5. Jarra: fragmentos de base, alça e bico. Freqüentemente incolores, alguns com tonalidades leitosas. Larguras na base de

aproximadamente 11,7cm e largura de 0,3cm.

3.14.2.6. Bola de gude: esférica, na cor verde, azul e “olho de gato”, ocorrendo também sem pigmentação. Os diâmetros variaram de 1,0 e 2,3cm, predominando 1,4cm (Figura 21 d).

3.14.3. Plano

3.14.3.1. Vidraça lisa: fragmentos com 0,3cm de espessura. As peças são incolores. Em aproximadamente 28,6% das peças foi observada adição de cobertura metálica (chumbo) numa das faces, indicando o uso como espelho.

3.14.3.2. Vidraça decorada: fragmentos de 0,3mm de espessura, com relevos em canaleta, circulares e quadrados, incolores e na cor âmbar.

Bandeira: fragmentos com 0,3cm de espessura que receberam diferentes pigmentações na pasta incandescente ou na superfície. As cores freqüentes são verde, vermelho e azul.

3.14.3.3. Vidro 5mm: fragmentos, também de vidraça, com maior espessura. As cores predominantes são os tons de cinza e âmbar.

3.14.3.4. Inclassificável: fragmentos com menos de 2,0cm<sup>2</sup> que não puderam ser inseridos nas categorias anteriores.

### **3.15 – Osso**

3.15.1. Ave: pneumáticos, com estrias internas e paredes finas. Pequenos fragmentos com sinais de trituração nas epífises. Média de 4,3cm de comprimento e 0,5cm de largura.

3.15.2. Peixe: vértebras e espinhas, além de ocasionais dentículos de miragaia (*Pogonias cromis*). Não foram medidos e não foram registrados instrumentos com ossos de ave.

3.15.3. Bovino

3.15.3.1. Botão: circulares com uma, duas, quatro perfurações circulares centrais. Diâmetro de 1,0 a 1,3cm e espessura de 0,2cm; perfurações com 0,12cm.

3.15.3.2. Cabo de faca: inteiro e fragmentado com incisões intercruzadas formando uma rede encerrada entre linhas incisas paralelas na extremidade distal e proximal. Entre 8,2 e 10,9cm de comprimento, 3,8cm de largura e entre 1,5 e 2,3cm de espessura.

3.15.3.3. Pente: com e sem cabo, o primeiro fragmentado. Na superfície há estrias, provavelmente ocasionadas pelo uso de serra e, posteriormente, polimento. O comprimento varia entre 9,7 e 12,8cm; largura entre 2,4 e 3,5cm e espessura em média de 0,3cm.

3.15.3.4. Escovas de dentes: inteiras e fragmentadas de perfil biconvexo, com 7,3 e 16,8cm de comprimento, 1,0 a 1,4cm de largura e 0,5 a 0,8cm de espessura (Figura 25 a).

3.15.3.5. Contas-de-colar: discóides com perfuração central, estrias nas

laterais indicando uso de serra. Diâmetro de 0,8 a 1,2 e espessura de 0,2cm.

3.15.3.6. Peça de jogo: dominó fragmentado, com três e seis pontos em baixo-relevo. Comprimento de 2,8cm, largura de 1,5cm e espessura de 0,3cm (Figura 25 b, c).

3.15.3.7. Dente: esparsos e sem sinais de uso, provavelmente resultado do descarte.

3.15.3.8. Restos de alimentação: vértebras, ossos longos e costelas com incisões e perfurações ocasionadas pelo uso de objeto cortante. Evidências do uso de serra de fita (elétrica) e manual (estrias). Ao redor de alguns cortes foram observadas tonalidades azuis e roxas. As peças não foram medidas.

3.15.4. Eqüino: foram identificados apenas ossos da queixada. Não foram medidos.

3.15.5. Inclassificável: fragmentos pequenos e deteriorados que não puderam ser inseridos nas categorias acima.

### **3.16 – Material de construção**

3.16.1. Amianto: fragmentos de telhas com 0,5cm.

3.16.2. Azulejo atual: peças fragmentadas, com espessura de 0,5cm. As cores do esmalte são o branco, amarelo, marrom, e alguns apresentam motivos florais.

3.16.3. Reboco: nódulos e concreções cimentadas que, por vezes, acompanhavam tijolos e azulejos. Média de 5,5cm<sup>3</sup>.

3.16.4. Lajota: fragmentos medindo entre 0,5 e 0,7cm de espessura, superfície superior esmaltada e estriada.

3.16.5. Ladrilho: fragmentos em cimento, ocasionalmente nas cores preta e vermelha. Espessuras média de 1,8cm.

3.16.6. Cano: fragmentos em PVC, com espessura de 0,15cm. Cores branco, amarelo e marrom.

3.16.7. Arame: fios de aço maleável com diâmetros de 0,1; 0,15 e 0,2cm.

3.16.8. Cimento: blocos enrijecidos variando entre 2,8 e 10,5cm.

3.16.9. Piche: nódulos com aproximadamente 3,4cm<sup>3</sup>.

3.16.10. Inclassificável: materiais de uso desconhecido que não foram enquadrados nas categorias de material de construção.

### **3.17 – Plástico**

3.17.1. Brinquedo: partes de carrinhos, bonecas e outros. Apresentavam as cores preta, amarela, vermelha, azul e verde. Não foram medidos.

3.17.2. Tampa de recipiente: provavelmente garrafa e pote, com rosca e embutidas. As cores observadas são o branco, verde e vermelho. Os

diâmetros variam entre 2,3 e 9,3cm.

3.17.3. Recipiente: potes incolores e brancos, com largura na base entre 2,1 e 6,8cm, altura de 5,1 a 8,5cm.

3.17.4. PVC: fragmentos avulsos, brancos e marrons. Espessuras de 0,1 e 0,2cm.

3.17.5. Pente: inteiros e fragmentados, nas cores azul, verde e branco. Comprimento entre 8,0 e 15,8cm, largura de 2,0 a 3,2cm e espessura de, em média, 0,25cm.

3.17.6. Vinil: fragmentos com incisões concêntricas em ambas as superfícies. Aproximadamente 5,6cm<sup>2</sup> e 0,13cm de espessura.

3.17.7. Botão: discóides em perfil biconvexo, com depressão central onde estão de duas a quatro perfurações; diâmetros entre 0,6 e 1,2cm; espessura de 0,2cm.

3.17.8. Aberturas: peças vinculadas a janelas e portas, apêndices e maçanetas. Algumas apresentam formas florais em placas. Não foram medidas.

3.17.9. Conta-de-colar: esféricas com perfuração e, ocasionalmente, achatadas nos pólos. Nas cores azul, vermelho, verde, amarelo, preto e branco. Diâmetro entre 0,2 e 0,4cm e perfurações de 0,1cm.

3.17.10. Inclassificável: fragmentos e partes que não puderam ser identificadas, nem inseridas nas categorias.

### **3.18 – Outros materiais**

3.18.1. Giz de cera: fragmentos cilíndricos, brancos, com diâmetro de 0,75cm.

3.18.2. Carvão: fragmentos entre 0,5 e 2,4cm<sup>3</sup>.

3.18.3. Madeira: lascas e fragmentos com 8,6cm de comprimento, 4,7cm de largura e de 0,4 a 2,1cm de espessura.

3.18.4. Concha: fragmentadas e inteiras, uni e bivalves, não identificadas quanto à família, com dimensões entre 2,4 e 4,7cm<sup>2</sup>, espessura de 0,25cm.

3.18.5. Resina: enrijecida em tons marrons e amarelos, com aproximadamente 0,9cm<sup>3</sup>.

3.18.6. Cal: nódulos enrijecidos com a média de 2,7cm<sup>3</sup>.

3.18.7. Coquinho: inteiros e fragmentos, pertencentes ao butiá (*Butia capitata*), com diâmetros de 0,7 a 1,1cm.

3.18.8. Piso de cerâmica colonial: fragmentos de peças confeccionadas a mão e cozidas em atmosfera oxidante, semelhantes aos ladrilhos típicos das reduções missioneiras (Figura 16 a, b).

**3.19 – Inclassificável:** fragmentos corroídos, deteriorados e muito reduzidos que não puderam ser identificados quanto à categoria.

### **3.20 – Outras ocorrências**

3.20.1. Moeda: em bronze, cobre e níquel, dos séculos XVIII, XIX e XX, com diâmetro entre 1,8 e 4,2cm e espessura de até 0,2cm. As de maior diâmetro, do Império, apresentam re-cunhagem (Figura 24 a, b, c). Foram registradas moedas da Holanda e dos Estados Unidos da América, ambas do século XX.

3.20.2. Bola de gude: ocorreram também bolas de gude em faiança fina e porcelana, com decorações pintadas à mão em motivos florais e bandas diametralmente opostas, nas cores verde e vermelho, respectivamente. Diâmetro entre 1,1 e 2,4cm (Figura 21 a, b, d).

3.20.3. Seixo de granito: blocos polidos que foram utilizados na pavimentação das ruas e que formavam uma estrutura de paliçada ao redor e na cacimba no centro da praça. Apresentavam o volume na média de 12,5cm<sup>3</sup>.

3.20.4. Cacimba: foi registrada uma construção ou paliçada quase circular com 8,60 x 8,80m internamente, que protegia, no seu interior, um poço (cacimba?) com 3,00 x 2,60m (Figuras 02 e 09).

## **4 – COMPARAÇÕES**

As pesquisas na cidade do Rio Grande, realizadas na catedral de São Pedro, no Sobrado dos Azulejos e na igreja Nossa Senhora da Conceição, revelaram aspectos distintos daqueles observados na Praça 7 de Setembro. Apresentam, portanto, um processo semelhante de formação, diferenciando-se na maior espessura e quantidade estratigráfica. Aparecem na praça, assim como nos outros sítios, com exceção da catedral de São Pedro, aterros sucessivos indicando mudanças estruturais na arquitetura.

O piso do século XVIII, encontrado na Praça, está presente também nas primeiras camadas da catedral de São Pedro e do Sobrado dos Azulejos, neste último associado a uma residência do mesmo período.

Na igreja Nossa Senhora da Conceição, escavada em 2003, existe um poço<sup>3</sup>, confeccionado em alvenaria, diferente da “cacimba” da Praça 7, construída com blocos rústicos de granito. Com esses dados, associados com aqueles pesquisados na Hidráulica<sup>4</sup>, identificamos tipos de exploração e acesso à água, permitindo reconstituir uma história da captação d’água na cidade do Rio Grande.

O material, apesar de abundante, variou pouco em relação aos

---

<sup>3</sup> MENTZ RIBEIRO; PESTANA; FONSECA; WESKA, 2006, p. 13.

<sup>4</sup> MENTZ RIBEIRO; BASTOS; PESTANA; HOFFMAN, 2004, p. 106.

tipos encontrados nos outros sítios. No Sobrado dos Azulejos<sup>5</sup> encontramos material do século XIX, que se assemelha ao da praça, inclusive aquele em cerâmica, faiança fina, vidro e metal. Na catedral de São Pedro as maiores porcentagens ficam para a faiança portuguesa e cerâmica colonial vidrada, diferenciando-se dos dois sítios anteriores. O material da igreja é semelhante ao da Praça 7 de Setembro, porém apresenta maiores quantidades de peças com finalidades litúrgicas. Não encontramos, na igreja, o piso antigo.

## **5 – CONCLUSÕES**

Os debates historiográficos indicavam a localização do Forte Jesus, Maria, José na atual Praça 7 de Setembro. Mediante ampla escavação e análise do material, concluímos que, no local pesquisado, não se encontra o forte. Contudo, foi localizado um piso do século XVIII e, junto dele, um poço. Pressupõe-se que a população do período abastecia-se na cacimba, bem como os ocupantes do Forte Jesus, Maria, José, que está, provavelmente, nas proximidades. As informações históricas datam a destruição do forte entre os anos de 1826 e 1829, transformando-o em aterro para as ruas do Porto Velho. As evidências que indicam sua proximidade são a relativa grande quantidade de projéteis esféricos de chumbo, pedras de pederneira, moedas do século XVIII e uma baioneta.

A Praça 7 de Setembro passou por, no mínimo, três modificações à medida que se alternavam os representantes políticos da cidade do Rio Grande. A última alteração ocorreu na década de 1970, realizada pelo prefeito Cid Scarone Vieira, quando foi erigido um monumento em memória ao Forte.

As atividades de pesquisas foram pioneiras e fundamentais para a conscientização da população (visita de diversos centros de ensino, mídia, palestras) e das entidades políticas por meio do apoio da Prefeitura Municipal do Rio Grande, prestado através da visita do prefeito, do reitor da FURG (Figura 05) e do pessoal especializado das Secretarias de Obras e Viação e de Serviços Urbanos, além da Guarda Municipal.

## **AGRADECIMENTOS**

Nossos sinceros agradecimentos à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Betty J. Meggers; Prof.<sup>a</sup> Catharina Torrano Ribeiro; Sr. Felipe Dumont e esposa; Prof. Carlos Rodolfo Brandão Hartmann; Prof. Dr. Francisco das Neves Alves; Técnico Brasília Alberto Gibicoski Loureiro; Bel.

---

<sup>5</sup> MENTZ RIBEIRO; PESTANA; PENHA, 2004, p. 206.

Dagoberto Lopes de Oliveira; Prof.<sup>a</sup> Eleni da Silveira Rodrigues; Bel. Thiago da Silva Martins. Aos bacharéis em História Rodrigo Germano Fonseca e Tatiana Farias Weska; aos acadêmicos do Curso de História Cledir Oliveira San Martin, Charles da Silva de Miranda, Luis Fernando Porto da Silva, Aline Anjos da Rosa e Eduardo Costa Ribeiro. À Prefeitura Municipal do Rio Grande, através do pessoal especializado das Secretarias de Obras e Viação e de Serviços Urbanos, além da Guarda Municipal.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Paulo T. de Souza; VELOZO, Jango N. A faiança fina inglesa dos sítios arqueológicos históricos brasileiros. *Clio*, Série Arqueologia, Recife, v. 1, n. 9, p. 81-96, 1993.

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luis Henrique. *A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-histórica*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1997.

BRANCANTE, Eldino F. *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo: Cia. Litográfica Ipiranga, 1981.

CAMPOS, Eucides. *Palacetes paulistanos: a evolução do ambiente doméstico sob o Império*. Arqueologia Histórica na América Latina 6, 1995. p. 89-112.

COPSTEIN, Raphael. Onde nasceu o Rio Grande. *Correio do Povo*, 22 dez. 1974.

COYSH, A. P. Z.; HENRYWOOD, R. K. *The Dictionary of Blue & White Pottery. 1780-1880*. Antique Collector's Club, 1995. v. 1-2.

HEIZER, R. F.; GRAHAM, J. A. *A guide to field methods in Archaeology*. Palo Alto: The National Press, 1968. 274 p.

HÖRMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850*. Porto Alegre: Eduni-Sul. 1986.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. *Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Curitiba: UFPR, 1967. Manuais de Arqueologia, 2.

LEMOS, Carlos. Transformações no espaço habitacional ocorridas na arquitetura brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista – História e Cultura Material*, n. 1, p. 95-106, 1993.

MARTINS, Solismar Fraga. *Planejamento urbano na cidade do Rio Grande: um pequeno histórico*. Rio Grande: FURG/SMEC, 1995.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C. *Como interpretar a linguagem da cerâmica: manual para arqueólogo*. Washington: Smithsonian Institution, 1970.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; RIBEIRO, Catharina T.; SILVEIRA, Í. da. Arqueologia e História da Aldeia de São Nicolau do Rio Pardo, RS, Brasil. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul: Faculdade Integrada de Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 18, p. 92, 1988.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Metodologia da pesquisa arqueológica. In: \_\_\_\_\_. *Arqueologia na cidade do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 2004. p. 7-44. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, 26.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; PESTANA, Marlon Borges; PENHA, Maria Angélica Pereira. Escavações arqueológicas no Sobrado dos Azulejos, Rio Grande, RS, Brasil. *Biblos*, Rio Grande, Ed. da FURG, n. 16, p. 201-228, 2004.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; PENHA, Maria Angélica Pereira; PESTANA, Marlon

Borges. Escavações arqueológicas na catedral de São Pedro, Rio Grande, RS, Brasil. In: MENTZ RIBEIRO, P. A. *Arqueologia na cidade do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 2004. Coleção Pensar a História Sul-Rio-Grandense, 26. p. 45-79.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; BASTOS, Márcio Teixeira; PESTANA, Marlon Borges; HOFFMAN, Lílian. Arqueologia Histórica: processo de captação d'água na cidade do Rio Grande, RS, Brasil. In: MENTZ RIBEIRO, P. A. *Arqueologia na cidade do Rio Grande*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004. Coleção Pensar a História sul-rio-grandense, n. 26. p. 81-112.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; PESTANA, Marlon Borges; FONSECA, Rodrigo Germano; WESKA, Tatiana Farias. Escavações arqueológicas na Igreja Nossa Senhora da Conceição, Rio Grande, RS, Brasil. *Biblos*, Rio Grande, Ed. da FURG, n. 17, p. 15-45, 2006.

ORSER, Charles. *Introdução à arqueologia histórica*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

QUEIROZ, Maria Luiza Bertuline. *A Vila do Rio Grande de São Pedro: 1737-1822*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1987.

SHÁVELZON, Daniel. *Arqueología histórica de Buenos Aires: la cultura material porteña de los siglos XVIII y XIX*. Buenos Aires: Corrigidor, 1991.

SYMANSKI, Luis Cláudio P. *Vida privada e cultura material em Porto Alegre no séc. XIX*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1998.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin et al. *A faiança fina em Porto Alegre no séc. XIX: vestígios de uma cidade*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 2001.

WEYMER, Günter. *A arquitetura no Rio Grande do Sul: estruturas sociais gaúchas e arquitetura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.



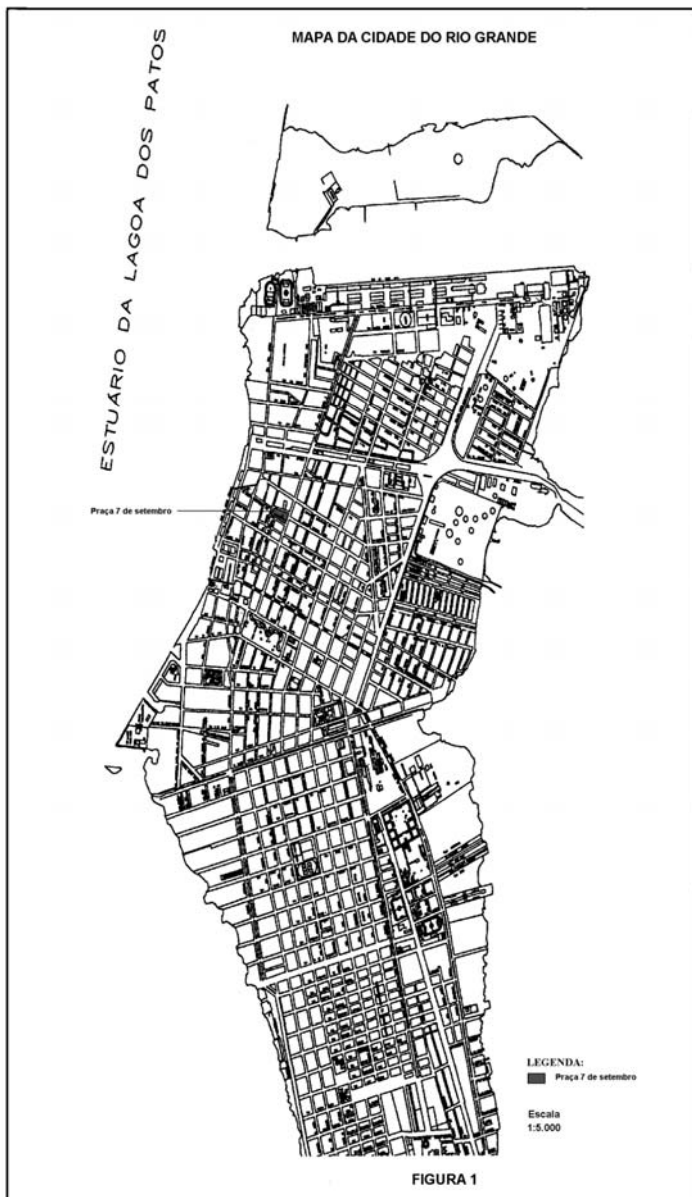


Figura 1



Figura 2

### Perfil Estratigráfico

Praça 7 de Setembro  
Quadrícula D1  
Parede a-b

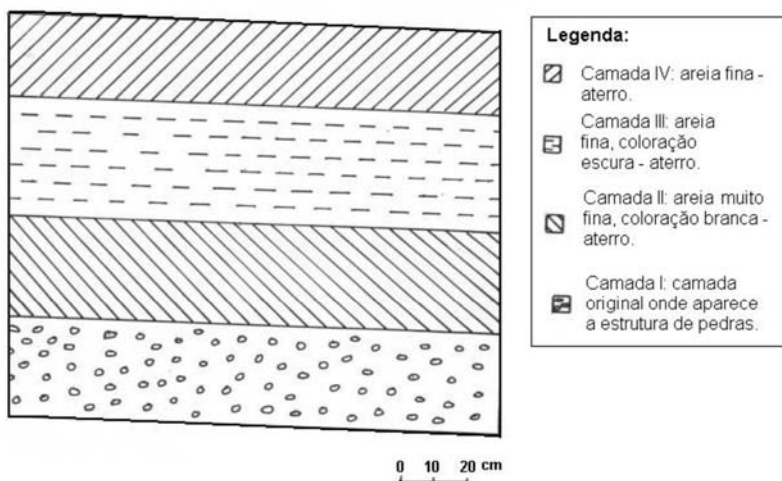


Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10

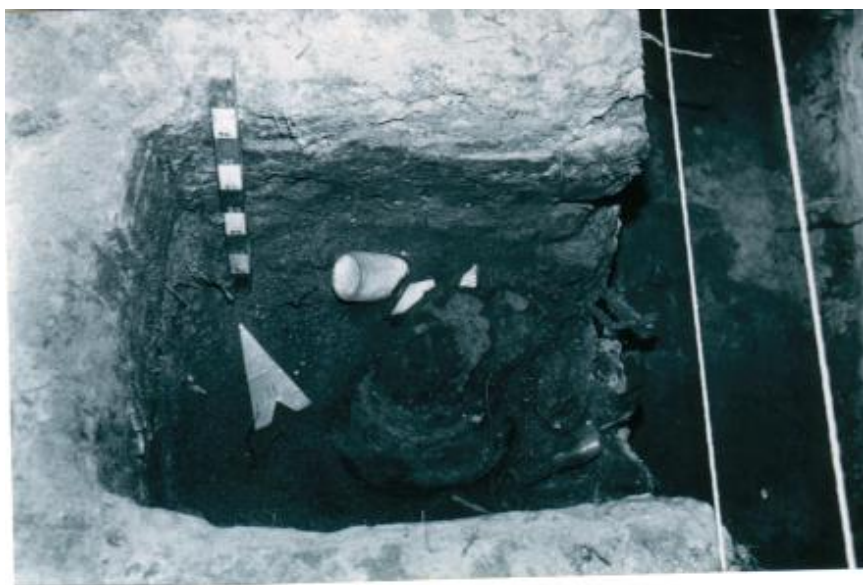


Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14





Figura 15



Figura 16



Figura 17

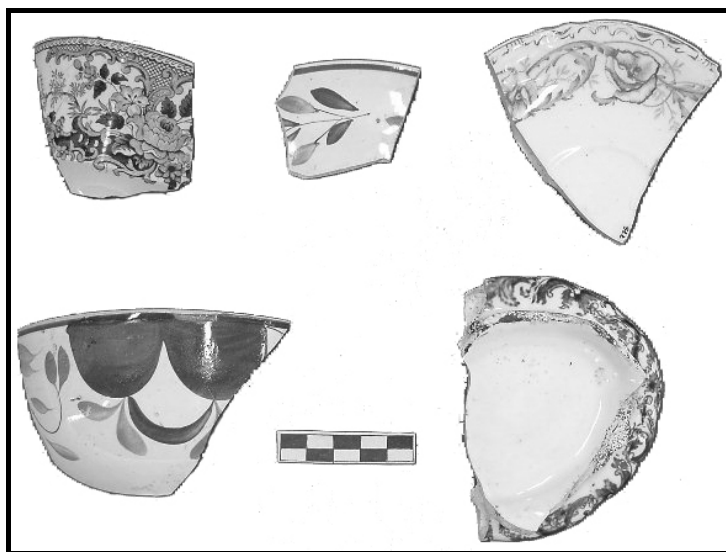


Figura 18



Figura 19



Figura 20

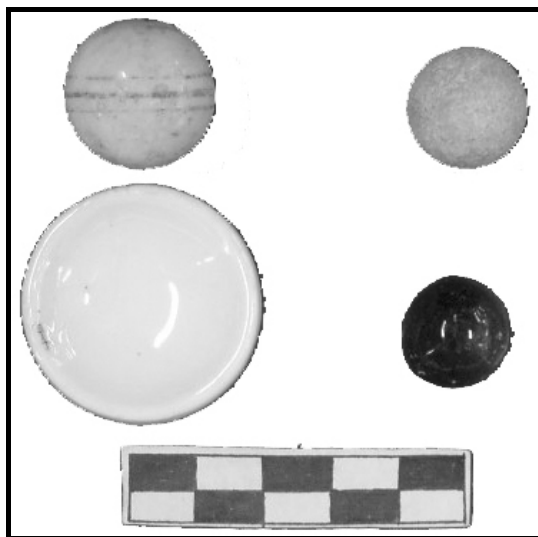


Figura 21

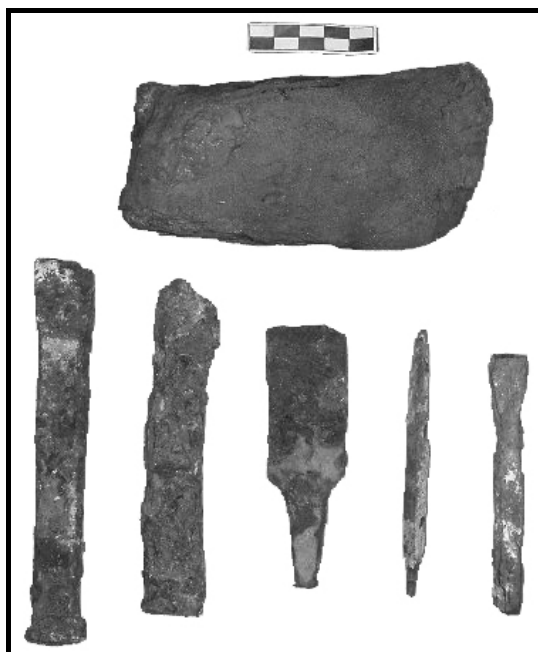


Figura 22

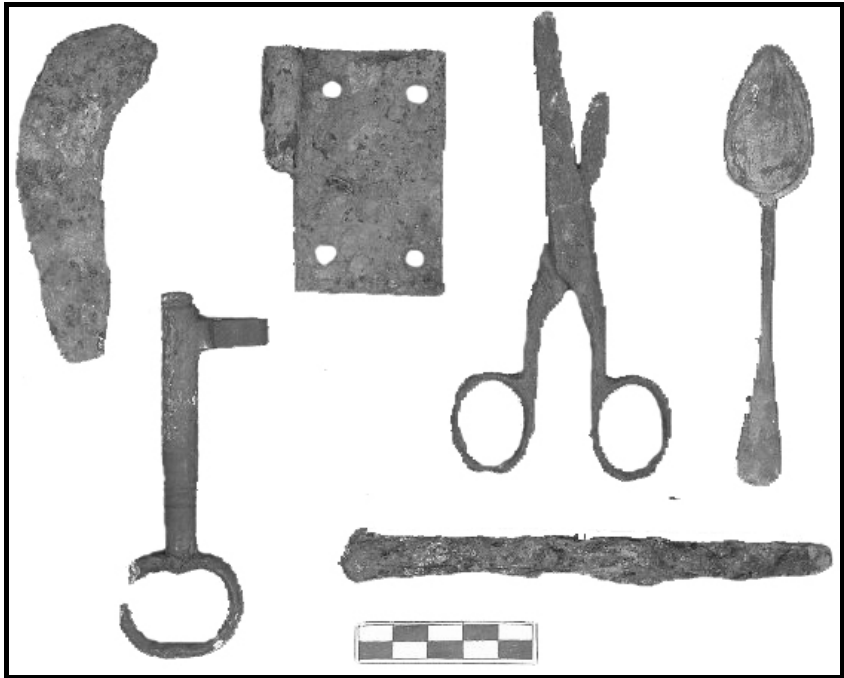


Figura 23



Figura 24



Figura 25



Figura 26



Figura 27



Figura 28

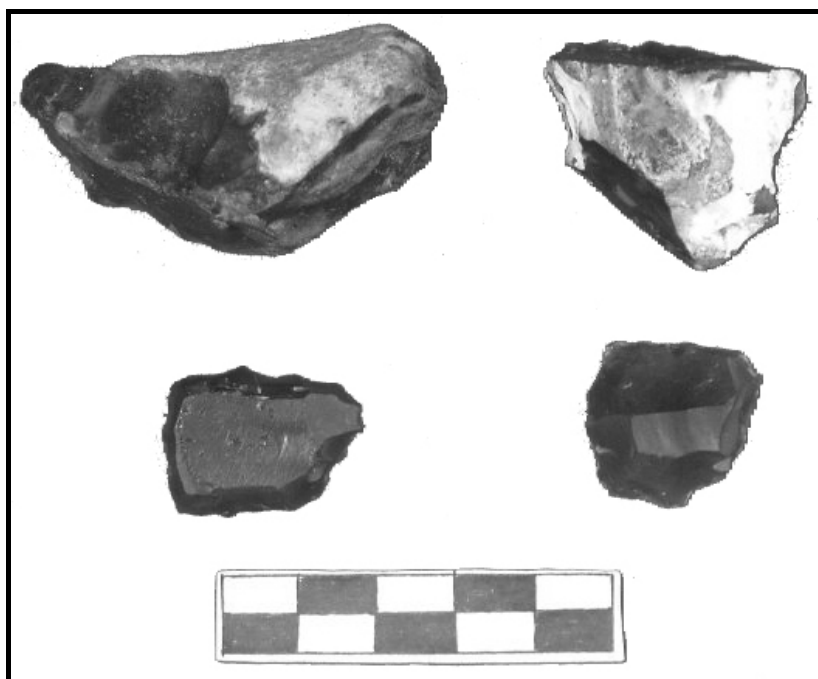


Figura 29



Figura 30



Figura 31





Figura 32

